

Análise do Programa Infantil Televisivo Contarolando com Carol Levy à Luz dos Critérios De Qualidade¹

Thainá Maria Bezerra NOGUEIRA²

Ana Maria da Conceição VELOSO³

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

O trabalho visa analisar o conteúdo à luz dos critérios de qualidade do programa infantil televisivo Contarolando com Carol Levy, que foi veiculado em 2016 na Globo Nordeste e é, até hoje, o mais recente programa infantil exibido na emissora para Pernambuco. Desta forma, tenta revelar o tratamento conferido, pela linha editorial da produção à proteção dos direitos das crianças e adolescentes. Dentro da infinidade de estudos acerca dos critérios de qualidade na programação infantil, foi escolhida a contribuição específica do Conselho Nacional de Televisão no Chile (CNTV) que adotou o sistema americano da *Annenberg Public Policy Center (APPC)*⁴, que recupera a proposição de que o programa infantil propicia para a criança algum ensinamento e introduz condutas construtivas e/ou não-construtivas.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia; Infância; Televisão; Análise; Qualidade.

CORPO DO TRABALHO

O estudo em curso pretende identificar, com base em uma análise de conteúdo qualitativa, como o tema da infância é representado no programa infantil televisivo Contarolando com Carol Levy, veiculado na Tv Globo Nordeste. Desta forma, tenta revelar o tratamento conferido, pela linha editorial da produção à proteção dos direitos das crianças e adolescentes. Além disso, o trabalho pretende discutir o papel dos programas infantis, da televisão como concessão pública (com a legislação que a rege), o agendamento produzido por esse tipo de produção e o direito humano à comunicação.

Os doze episódios, objetos de análise, são referentes à segunda temporada do programa apresentado na emissora Globo Nordeste entre outubro e dezembro de 2016,

¹ Trabalho apresentado na IJ 04 – Comunicação Audiovisual do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Estudante de Graduação 9º semestre do Curso de Comunicação Social / Rádio, TV e Internet da UFPE, e-mail: thainanogueira505@gmail.com.

³ Professora Orientadora do Trabalho e do Curso de Comunicação Social / Rádio, TV e Internet da UFPE, e-mail: anavelosoufpe@gmail.com.

⁴ Centro de políticas públicas da Escola de Comunicação Annenberg da Universidade da Pennsylvania.

nas manhãs do sábado, sempre às 9h. A escolha para a análise acontecer se sustenta porque esse foi o último, até então, programa local destinado ao público infantil veiculado na grade. Desde então, crianças e adolescentes não têm nenhuma programação fixa dirigida para eles em nenhum horário da emissora, tanto em caráter local, como regional e nacional. A falta de interesse de investimento em produções televisivas direcionadas para o público infantil fomenta e é indagado ao longo do respectivo estudo. Além de ser analisado o conteúdo do programa infantil televisivo em relação ao que exige o Estatuto da Criança e do Adolescente, o Manual da Classificação Indicativa, a Constituição Federal, a Agência Nacional dos Direitos da Infância, entre outros.

A Programação Infantil

Os programas infantis já tiveram presença garantida na programação da televisão com transmissão aberta. A sua trajetória tem início em meados de 1954, com a produção do Sítio do Picapau Amarelo, baseado em obra de Monteiro Lobato e exibido na emissora dos Associados, no Rio de Janeiro.

No entanto, no começo dos anos 2000 o horário destinado para a apresentação dos programas infantis entrou em declínio. Como pilares dessa mudança, temos as regulações efetuadas pelo Código de Autorregulamentação Publicitária (Conar), pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, pelo Código de Defesa do Consumidor, para a veiculação das propagandas exibidas no horário da programação infantil, além das ações normativas da Anvisa e determinações do Código de Ética da Publicidade. As regulações aconteceram porque, entre outros motivos, a maior parte dos anúncios tinham, em seus conteúdos, estímulos ao consumo do público de forma exacerbada.

Nesse período, por exemplo, a TV Globo reservava diariamente três horas matinais para programas como "Angel Mix" e "Xuxa Park". Cinco anos depois, reduziu para cerca de duas horas diárias. Em 2012, os infantis perderam o espaço diário na grade da emissora. Em 2015, a Globo Nordeste exibiu a primeira temporada do *Contarolando* e em 2016 a segunda. Porém, a produção não tem sazonalidade, nem nenhum tipo de contratação a longo prazo.

A Record, que dedicava 20 horas semanais às crianças em 2000, hoje exibe seis horas, distribuídas entre sábado e domingo. Já a RedeTV!, que em 2010 apresentava três horas diárias do "TV Kids", hoje não tem atração alguma. Na contramão, estão SBT e

Cultura, que mantém o investimento em programas para crianças. A Cultura chegou a ampliar o espaço para tal tipo de programação nos últimos 15 anos. Hoje, exibe de segunda a sexta-feira, 12h de programação infantil. Aos sábados, são 11 horas, e aos domingos, mais três. Já o SBT, que exibia mais de 70 horas semanais em 2000, reduziu o tempo destinado para tal programação, mas ainda mantém cerca de 42 horas semanais dedicadas ao conteúdo infantil. A emissora supera a TV Brasil, que tem 32,5 horas reservadas de segunda a sexta-feira para a programação infantil.

Uma possível explicação para a mudança dos investimentos na produção infantil pode ser definida por causa do cerco à publicidade dirigida a crianças. Em 2014, o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda) instituiu que os produtos infantis podem até ser anunciados, mas o público-alvo deve ser os pais. Dessa forma, a restrição determina que a exibição deveria ocorrer desassociada da propaganda, o que deixou de ser lucrativo para as redes de televisão. Além disso, o Código de Defesa do Consumidor e o Estatuto da Criança do Adolescente impedem a inserção de merchandising em atrações infantis, tornando-as menos rentáveis. Algumas das regras proíbe o uso dos imperativos “compre”, “peça para seus pais”; de conteúdos que desvalorizem a família, escola, vida saudável; ou que contenha algum tipo de preconceito. Também é proibido apresentar produtos que substituam as refeições e encorajam o consumo excessivo de alimentos e bebidas.

No mundo, apenas países onde a programação é quase 100% estatal há a proibição total da propaganda infantil, como é o caso de Noruega e Suécia, além da província de Quebec, no Canadá. No Brasil, com as últimas regulações de 2014, os programas voltados para as crianças perderam os anunciantes e foram banidos quase de vez da TV, restando apenas os canais pagos com esse tipo de publicidade.

Um outro fator que pode ser interpretado como influenciador para a escassez da programação infantil é o advento da internet. Com a carência, logo, falta de atualização, os programas não se modernizam e poucos se adaptam a nova realidade de interatividade e disposição de conteúdos online. Dessa forma, o pequeno espectador pode ver seus programas prediletos no tablet quando bem entende, deixando de lado, assim, a necessidade da televisão. Uma pesquisa da agência reguladora das indústrias de comunicação do Reino Unido, de 2015, revelou que o número de crianças britânicas com televisores em seus quartos caiu 20 pontos percentuais em cinco anos. O motivo: 62% delas utilizam tablets. Trata-se de um fenômeno mundial. O Brasil, segundo dados

do YouTube, só perde para a Inglaterra em crescimento de audiência infantil na plataforma. O aumento nacional foi de 378%, apenas três pontos atrás do verificado no país europeu. Também em 2015, a Netflix⁵ revelou que cerca da metade dos 62 milhões dos seus assinantes pelo mundo assiste a programas infantis semanalmente.⁶ Não foram revelados dados de audiência específicos para o Brasil. O serviço online tem 23 produções infantis próprias pelo mundo.

Na época da veiculação, o Contarolando só teve um concorrente direto e que, ainda assim, não tinha o mesmo estilo do que é veiculado na Tv Globo. Trata-se do Hora da Alegria, que vai ao ar até os dias atuis de segunda a sexta-feira pela Tv Jornal às 10h40. Um programa que conta com jogos e atividades para o público, que pode apenas assistir ou telefonar para a apresentadora durante a sua exibição.

O conteúdo exibido pela Tv Globo só tem uma apresentadora: Carol Levy. O programa é constituído de contações de histórias, clipes de músicas, momentos em que é explicada alguma palavra diferente presente nas histórias e também convoca o público a acessar as plataformas online do projeto. Não apresenta nenhum outro ator ou atriz. Todos os personagens são interpretados pela apresentadora, que é publicitária de formação. Em alguns trechos, nos quadros sobre educação, uma voz infantil narra a história. Não há crianças, nem auditório, nem diálogos no programa. Toda a estrutura está centrada na interação da apresentadora com a câmera.

Mídia e infância

A relação das crianças com as mídias tem início registrado no segundo pós-guerra nos países desenvolvidos e nos anos 1960 no Brasil, período em que é registrado a crescente das mídias tradicionais e emergentes como fontes de entretenimento, informação e sociabilidade para as crianças (HENRIQUES, Isabela, 2010; TASCHNER, Gisela, 2011).

A análise sobre o tema de mídia e infância é fundamental. Isso porque Eva Andrade (2006) afirma que “as características humanas não estão presentes desde o nascimento do indivíduo nem são meros resultados das pressões do meio externo. Elas resultam da interação dialética do homem e seu meio sócio-cultural”. Isso pode ser

⁵ Netflix: serviço de streaming que conta com um catálogo de milhares de filmes e séries de TV que podem ser acessados através de plataformas como notebooks, tablets, smartphones, videogames e televisão.

⁶ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/06/1645333-programacao-infantil-vive-queda-na-televisao-aberta.shtml>. Acessado em: 19/11/2017.

traduzido para o meio infantil, significando, por exemplo, que a televisão não é totalmente prejudicial ao desenvolvimento das crianças, mas como são seres em processo de desenvolvimento intelectual e social, e passam muito tempo na companhia de meios de comunicação de massa, podem acabar interagindo mais com o veículo do que com a família, por exemplo. Como ainda são inexperientes na decodificação midiática, acabam sendo influenciadas.

Gilka Girardello (2008) cita Felix Guattari (1993) para resgatar e enfatizar a concepção de que a formação do futuro adulto é construída no cruzamento de inúmeros “sistemas de modelização, tais como: o de sua família, o de seus fantasmas próprios, o das narrativas televisivas, o dos desenhos animados, o da escola e o dos grupos sociais no seio dos quais ela é inserida” (p.80 apud GIRARDELLO, 2008, p.133). Fica em destaque, assim, a importância da cultura das mídias, visto que ela permeia as demais situações pelas quais a criança transita.

Segundo a pesquisa “Gerações Interativas Brasil – crianças e adolescentes diante das telas” (2012), realizada com 1.984 crianças entre 6 e 9 anos, integrantes de escolas públicas e privadas das cinco regiões do país, a televisão revelou-se como ainda sendo a tela predominante nos lares brasileiros, podendo o acesso a ela ser considerado quase universal, conforme sugere o índice de penetração domiciliar, que é de 94,5%.

No entanto, Eva Andrade (2006) também afirma que os meios de comunicação não são os únicos determinantes na formação do sujeito. “A mídia (...) tem uma ressonância concreta na vida das pessoas e grupos sociais porque pode responder às suas necessidades, expectativas e desejos”, conclui a pesquisadora. A escola, os pais, a família e o Estado fazem parte da formação infantil, o que inclui a formação da visão crítica, e devem auxiliar as crianças com o uso da mídia.

Nesse contexto, “as preocupações com a natureza das mudanças na infância refletem-se diretamente nos debates (...) sobre as mídias televisivas”, registra David Buckingham (2007, p.117). Debates estes que oscilam quanto à apreensão do conceito de agência infantil. O autor menciona que é necessário considerar as crianças como participantes ativas no processo de construção dos significados, ou seja, como atores sociais competentes, e não como vítimas incompetentes e passivas. No entanto, há também o risco de se adotar uma abordagem simplista, centrada na criança, que procura exaltar sua sofisticação como usuária de mídias e provar que tais indivíduos não são tão ingênuos ou passivos quanto se costuma crer. Muitas vezes há um pressuposto implícito

de que se as crianças são ativas, então, não serão influenciadas pelo que assistem. Mas isso não necessariamente procede. “Na realidade, pode-se argumentar que, em alguns casos, ser ativo significa ser mais aberto à influência – e a atividade não deve ser, por si só, equiparada com a ação ou com o poder social”. (BUCKINGHAM, 2007, p. 105).

Charles Orozco (1993), afirma que uma possível dissolução para a questão é através da educação para os meios, que deve ser obtida através de mediação e “deve ser realizada entre os meios de comunicação de massa, as instituições educativas e os processos de recepção de mensagens que envolvem os estudantes” (OROZCO, 1993, p. 61)

Contarolando Com Carol Levy: Análise

Uma das bases para a realização do estudo em curso foi a análise dos conteúdos apresentados pelos episódios da segunda temporada do programa Contarolando com Carol Levy, exibidos em Pernambuco entre os dias 01 de outubro e 17 de dezembro de 2016. O conteúdo foi transmitido semanalmente, sempre aos sábados, às 9h com duração total de 30 minutos, incluindo os intervalos comerciais. A pesquisa busca perceber como os direitos das crianças são trabalhados pela produção do programa, bem como, verificar sua conduta ética e adequação à legislação vigente.

Análise do programa à luz dos critérios de qualidade

Para desenvolver a análise da qualidade em termos da programação infanto-juvenil, partimos do reconhecimento de que existem critérios “genéricos” de qualidade passíveis de serem considerados na análise de qualquer obra audiovisual. Tais critérios não são de nenhum modo absolutos e permitem avaliações que conferem relevo a aspectos que nem sempre guardam o mesmo nível de atenção entre os diversos pesquisadores.

Dentro da infinidade de estudos acerca dos critérios de qualidade na programação infantil, foi escolhida a contribuição específica do Conselho Nacional de Televisão no Chile (CNTV) que adotou o sistema americano da *Annenberg Public Policy Center* (APPC)⁷, que recupera a proposição de que o programa infantil propicia

⁷ Centro de políticas públicas da Escola de Comunicação Annenberg da Universidade da Pennsylvania.

para a criança, entre outros elementos, algum ensinamento e introduz complementos como a presença/ausência de condutas construtivas e/ou não-construtivas.

De tal forma, compreendemos que o conhecimento pode ser definido como “qualquer tipo de conteúdo que promova o desenvolvimento das crianças em sentido amplo, o que inclui tanto as dimensões cognitivo/intelectuais como emocionais/sociais e/ou corporais de habilidades manuais”⁸. Os ensinamentos podem ser classificados em quatro categorias:

Habilidades cognitivas: compreende os conteúdos que estimulam o raciocínio lógico, a formulação de hipóteses, resolução de problemas, processos classificatórios; Conhecimento/informação: conteúdos, sobre fatos, ideias, culturas, artes, teorias, etc.; Habilidades Sociais/emocionais: conteúdos relacionados ao aprendizado, a viver consigo mesmo e com o outro, o que inclui superar temores, ser responsável, resolver conflitos, desenvolver liderança; Cuidado do corpo/habilidades manuais: hábitos de higiene e desenvolvimento das habilidades físicas e motoras. Ensino que desenvolve habilidades manuais.⁹

No que se refere à qualificação das condutas construtivas (promovem a integração social positiva da criança) e destrutivas (dificultam ou entorpecem uma integração social harmônica), são destacados diversos aspectos. Condutas construtivas incluem:

Cooperação e ajuda aos outros: usar os meios para atingir metas comuns, participação conjunta visando um mesmo fim; ser solidário aos demais; Expressão transparente de sentimentos: capacidade de demonstrar afeto, dor, tristeza, alegria etc.; Responsabilidade: ter atenção às decisões e assumir os acordos feitos; Honestidade: pessoa que atua com decência e que se comunica de modo veraz e transparente; Respeito: considerar os demais, considerando sua integridade física e moral, assim como seus direitos, opções e opiniões.

O Manual de Classificação Indicativa de 2006 também norteou quanto a discussão acerca do tema da qualidade. O documento traz uma lista de conteúdos considerados desejáveis na produção audiovisual para crianças e adolescentes.

Comportamentos cooperativos, solidários e de ajuda aos demais;
Comportamentos que denotam responsabilidade;

⁸ Noção extraída da Federal Communications Comisión (FCC), órgão regulador da área de telecomunicações e radiodifusão dos Estados Unidos, criado em 1934 dentro do programa *New Deal*.

⁹ CNTV. Barómetro de La Calidad de La Programación Infantil Abierta Chilena. Disponível em <http://www.cntv.cl/medios/Publicaciones/BarometroCalidadInfantil.pdf>; Acessado em: 10/09/2017.

Comportamentos que valorizam a honestidade; Comportamentos que valorizam o respeito aos demais; Comportamentos que valorizam a capacidade de resolução de conflitos; Conteúdos que valorizam as habilidades cognitivas da criança; Conteúdos que valorizam o conhecimento; Conteúdos que valorizam o cuidado com o corpo; Conteúdos que valorizam as habilidades manuais/motoras; Conteúdo de respeito e estímulo à diversidade; Cultura da Paz; Habilidades sócio-emocionais ; Menção aos direitos humanos de forma positiva; Opiniões/informações divergentes/plurais; Regionalização da programação e produção independente.

No entanto, o Manual de Classificação Indicativa também aponta comportamentos que deveriam ser evitados na produção audiovisual voltada para este público.

Comportamentos repreensíveis/ não desejáveis; Comportamentos/conteúdos que identifiquem o consumo como forma de valorização social/pessoal, de alcance da felicidade; Comportamentos/conteúdos que valorizem a beleza física e/ou do corpo como condição imprescindível para uma vida mais feliz e/ou para a aceitação social ou no grupo.¹⁰

Com base nesses critérios, serão apresentadas, a seguir, as análises qualitativas do programa.

Caracterização do programa

Com episódios que duram 25 minutos, sem intervalos comerciais, o programa pode ser considerado como uma série ficcional de imagem real, com personagens humanos e bonecos manipulados. Além disso, apresenta a animação *stop motion* em quadros específicos. Exemplo disso pode ser percebido em um clipe apresentado no programa quatro, exibido no dia 22/10/2017, em que palavras com a letra L são formadas em um tabuleiro através da animação que reproduz frame por frame. A faixa etária do programa está indicada entre três e oito anos.

O Contarolando é uma produção originalmente regional, pois foi produzido no Recife e tem a direção de Zé Eduardo Miglioli. O programa possui diversos quadros educativos, apresentados de acordo com o desenrolar da narrativa. A única personagem fixa na série é a contadora Carol Levy, que é caracterizada como personagem plano.

¹⁰ Disponível em: <http://www.justica.gov.br/seus-direitos/classificacao/manual-da-nova-classificacao-indicativa.pdf>. Acessado em: 03/10/2017.

Para Edward Forster (apud MASSAUD, Moisés, 2004), os personagens são planos quando possuem características claras, não apresentam ambiguidade, são estáveis e facilmente reconhecidos. Percebe-se também que a personagem apresenta verossimilhança em relação ao ambiente fantástico do cenário, que é caracterizado como a casa da contadora. Inclusive, trata-se de espaço cenográfico pequeno, que limita a atuação da contadora e limita os enquadramentos.

A cenografia apresenta elementos inovadores e diferenciados para condizer com o contexto de fantasia da trama. Isso porque árvores e livros coexistem em um ambiente que pode ser reconhecido como uma floresta ou o quarto da contadora. Os objetos de uso diário na vida das pessoas se tornam personagens para as histórias. Frutas, máscaras de papel e rolos de lã, são também protagonistas nas fábulas. Um dos elementos que tem presença garantida em todos os episódios é o saco mágico, gancho que a contadora utiliza para iniciar toda e qualquer história.

O figurino da série apresenta riqueza de detalhes: variedade de cores, texturas e peças. O da personagem é fixo e pode ser definido, junto com a maquiagem e os penteados, como alegóricos. Carol utiliza um vestido composto em tons de roxo e marrom, que remete ao restante da paleta de cores do cenário e realça o aspecto fantástico da personagem.

Os acontecimentos da narrativa do programa são organizados de maneira linear, ou seja, na sequência em que acontecem. Como anteriormente indicado, a evolução da estória ocorre na camada de tempo-cronologia (PINNA, Daniel, 2006).

As elipses temporais e espaciais são identificadas pelo espectador durante o desenrolar da narrativa por meio do diálogo das personagens. No episódio exibido no dia 10/12/2016, Carol inicia o programa reformando a bicicleta e finaliza com o item pronto. Ela se despede dizendo que vai fazer um passeio com a sua *bike*. Dessa forma, o espectador entende que durante a exibição dos clipes e dos quadros, a contadora conseguiu consertar o utensílio. Não foi preciso, por exemplo, nenhum tipo de marcação explícita para a passagem do tempo.

A vinheta de abertura do programa apresenta o momento que a contadora está na floresta caçando histórias. A música de abertura é ritmada de acordo com o andamento da personagem no espaço e remete à contação de história e é finalizada pelo nome do programa.

O programa possui forte relação com a trilha sonora. Praticamente todos os quadros possuem músicas próprias que fixam na memória de quem assiste. Inclusive, os episódios são caracterizados com a presença dos personagens das Carolas, cantoras que apresentam videoclipes das músicas da contadora, e que normalmente têm relação com o arco ficcional das histórias contadas.

Representações de indivíduos e/ou grupos

Apesar de trazer uma gama de personagens lúdicos nas histórias contadas, o programa não aborda a diversidade. A predominância da etnia branca e do gênero masculino no núcleo dos personagens das histórias é explícita. Não há nenhuma menção, em todas as 24 histórias contadas ao longo dos 12 episódios, para as pessoas negras ou que tenham alguma deficiência. A ausência de histórias que abordem a pluralidade das estruturas de família também é sentida.

Durante entrevista realizada com a contadora, foi revelado que não há preocupação em abordar histórias ou quadros dentro do programa com um direcionamento a inclusão de pessoas com deficiência ou dimensões da acessibilidade.

Transcrição da entrevista:

Entrevistadora: “(...) Vocês já pensaram em tratar algum tema sobre acessibilidade, inclusão, raça, etnia ou diversidade sexual nas histórias?”

Entrevistada: Não. – silêncio (...)”

Em 2015, o IBGE divulgou o resultado da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), em que foi atestado que 53% dos brasileiros se declaram pardos ou negros¹¹. Tendo em vista a heterogeneidade da população brasileira e o papel educativo da televisão em estimular a diversidade e incentivar a tolerância, eis uma lacuna do programa: ocultar a representatividade dessa parcela. Inclusive, a ausência da representatividade da população negra é considerada discriminação racial de acordo com o Estatuto da Igualdade Racial.

I - discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em

¹¹ Disponível em: https://brasil.eipais.com/brasil/2015/11/13/politica/1447439643_374264.html. Acessado em: 16/11/2017.

igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada. (Artigo 1º do Estatuto da Igualdade Racial)¹²

Aém disso, o mesmo Estatuto atesta, no artigo 43 do Capítulo VI dos Meios de Comunicação que “a produção veiculada pelos órgãos de comunicação valorizará a herança cultural e a participação da população negra”.

Temáticas

Pode-se dizer que o programa *Contarolando* apresenta temáticas relacionadas ao universo fabuloso da imaginação. Todas histórias contam com uma lição de moral e a maioria apela para a noção de educação, respeito e valores éticos. No entanto, em alguns episódios pode ser percebido a incitação a violência. Como é o caso do episódio sete apresentado no dia 12/11/2017. Na história intitulada “O Cágado e o Jacaré”, o Jacaré tinha inveja do Cágado, que tocava pife nos arredores de uma lagoa. Um dia, o réptil rouba o instrumento do anfíbio e esse, para recuperar o objeto, faz uma armadilha em que acaba torturando o Jacaré para poder obter o que quer.

De acordo com o Manual da Classificação Indicativa (2006, p.20), “o problema central não está em utilizar a violência como parte da construção de um argumento (real ou ficcional), o problema está em somente, ou centralmente, em se valer da violência para tanto”. Como, na história, o Cágado só conseguiu o que queria quando o Jacaré quase morre e depois disso a história termina, fica claro que a violência, nesse ponto, foi utilizada como tema central. Para Geroge Comstock (1991) não podemos afirmar um elo de causalidade entre as crianças que assistem a programas com cenas agressivas e o desenvolvimento de comportamentos agressivos por parte da mesma, contudo, há um consenso de que tal correlação significativa exista.

No episódio oito exibido no dia 19/11/2016 a história do “O defunto que devia” foi apresentada e o seu conteúdo desrespeitou o que diz o Manual da Classificação Indicativa. Isso porque a fábula conta que o Sr.Geraldo, boneco interpretado por uma abobrinha e, posteriormente, uma beringela, devia muito dinheiro para a sua vizinhança. Para tentar parar de ser cobrado ele produziu o seu próprio velório porque com isso, de acordo com a narradora, as pessoas iriam perdoar o homem e ele não seria mais

¹² Disponível em: <http://www.meuvadecumonline.com.br/legislacao/estatutos/1/estatuto-da-igualdade-racial-lei-n-12-288-de-20-de-julho-de-2010/>; Acessado em: 16/11/2017.

cochado. Durante o velório, dois ladrões chegam para roubar a casa do Sr. Geraldo, que dá um grito ao perceber o que iria acontecer. Os ladrões se assustam e vão embora, deixando uma quantia em dinheiro, fruto de roubos anteriores, na casa do Sr. Geraldo. A contadora finaliza a história contando que ao perceber o que os ladrões esqueceram, o defunto desiste do velório, fica com o dinheiro e se vangloria porque agora está rico.

O conteúdo vai de encontro com o que atesta o Manual da Classificação Indicativa no que concerne a comportamentos repreensíveis:

Inadequações: São contextos/cenas/diálogos que exemplificam, valorizam ou estimulam comportamentos tais como irresponsabilidade, egoísmo, desonestidade, desrespeito para com os demais, manipulação, preconceito, ameaça, fuga de conflitos – dentre outros inseridos nesse mesmo referencial teórico – sem que, ao mesmo tempo, haja uma clara mensagem de repúdio a estas práticas.¹³

No entanto, o programa potencializa o aprendizado e a associação de novas palavras e sentidos. Em um quadro específico, vídeos que promovem a tentativa de falar trava-línguas divertem e proporcionam o aprendizado de novas palavras, além de incentivar a repetição. Inclusive, o programa exibido no dia 15/10/2016 abordou as expressões tipicamente pernambucanas. O sotaque regional da contadora é notado com clareza.

A produção tem a tendência de trazer, para o público, o conhecimento de aspectos regionais. Nesse sentido, os episódios do Contarolando buscam revelar brincadeiras populares, de rua. Tomamos como exemplo o episódio transmitido no dia 22/10/2016, que apresentou um quadro onde explica como funciona o jogo da cebra-cega.

Também podemos dizer que a produção está em sintonia com mundo de experiências da criança, pois apresenta conteúdos novos que despertam o interesse, como o quadro curiando, que explica algum vocabulário novo dito na história contada por Carol, e o clipe das Carolas, que traz músicas sobre frutas, animais e amor. A proposta leva as crianças a sério ao abordar temas como música, dança, literatura, folclore, ciência, curiosidades e cuidados com o corpo.

Desenvolvimento integral

¹³ Disponível em: <http://www.justica.gov.br/seus-direitos/classificacao/manual-da-nova-classificacao-indicativa.pdf>; Acessado em: 15/10/2017.

No que diz respeito à promoção do desenvolvimento integral e a apresentação de modelos de conduta construtivos, o programa exhibe diversos elementos que valorizam a honestidade, a solidariedade, a responsabilidade e o respeito. Esses princípios podem ser notados no episódio veiculado no dia 08/10/2016, em que a fábula do “Sapo Encantado” conta a história de um homem que estava passando por uma floresta e ajuda um sapo que estava preso. Anos se passaram até que o mesmo homem passa pelo mesmo lugar na floresta e um ladrão tenta assaltá-lo. O sapo aparece, se transforma em um grande guerreiro e ajuda o seu salvador.

Focando no desenvolvimento pessoal e social das crianças, a série apresenta diversas situações nas histórias em que a expressão de sentimentos de maneira e respeitosa faz a diferença na relação dos personagens. Isso ocorre no programa veiculado no dia 01/10/2016, em que a história ensina para as crianças a não temer. O nome da fábula é “O príncipe medroso” e retrata ocasiões na vida do príncipe em que ele aparenta ter medo, mas uma princesa se apaixona pelo rapaz mesmo com todo o pavor dele e não se importa com isso.

Em linhas gerais, fica claro que a inserção das histórias atendem a compreensão oral das crianças. Isso acontece através da valorização do conhecimento e da associação das informações pelos pequenos de acordo com suas referências pessoais e sua bagagem cultural.

Originalidade

O programa pode ser encarado sob a ótica de não constituir uma inovação no universo da programação infantil. Uma vez que a abordagem sobre a linguagem audiovisual, em especial, a convergência de gêneros nos quadros, que pode ser encarado como híbrido, se assemelha a muitos programas infantis.

A própria constituição da série não fomenta peculiaridade. Isso porque é composta de um narrador personagem, ritmo lento para troca de enquadramentos, e enfoque dado aos assuntos tratados em sua narrativa sem muito engajamento social.

Não há interação, durante o programa, de nenhuma criança. Trata-se de uma produção de adulto para crianças. Inclusive, a contadora afirmou que em nenhum momento entre a pré e a pós-produção há o contato do conteúdo com alguma criança.

Quanto à dimensão da interatividade, o programa apresenta, principalmente, incentivo a realização de atividades, assim como jogos e brincadeiras. Como a narrativa

acontece ao redor de uma contadora de histórias que dialoga diretamente com o público, em todos os episódios existem momentos de fala direcionada ao telespectador. Ela também estimula que o contato seja realizado, após a exibição do episódio, pelo seu site. As crianças são incentivadas a pintar, comer frutas, verduras e legumes, cozinhar com os pais e organizar os brinquedos. Além de brincadeiras, há o incentivo à leitura através de um cenário repletos de livros. A manutenção da higiene também é apresentada através do clipe que incentiva a escovar bem os dentes, exibido no programa seis que foi apresentado no dia 06/11/2016.

Considerações gerais

Os episódios apresentam imagens atuais, que contam com recursos de animação e momentos tridimensionais. Tais projeções estimulam o telespectador a continuar acompanhando o episódio. A paleta de cores do programa atende ao gosto do público. No entanto, os clipes são por vezes repetidos e as histórias nem sempre apresentam mensagem muito clara, nem abrange a representatividade de um público composto por pessoas de classe social desfavorecida, pele negra ou com alguma deficiência. Essas questões devem dificultar o entendimento e a aproximação do público com a interlocutora.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Eva. A influência da mídia no desenvolvimento psicológico infantil. Disponível em: <http://www.unicentro.br/proec/publicacoes/salao2008/artigos>; Acessado em: 17/10/2017

BUCKINGHAM, David. Crescer na Era das Mídias Eletrônicas. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

Conselho Nacional de Televisão no Chile. CNTV. Barómetro de La Calidad de La Programación Infantil Abierta Chilena. Disponível em: <http://www.cntv.cl/medios/Publicaciones/BarometroCalidadInfantil.pdf>. Acessado em: 10/09/2017.

Constituição Da República Federativa do Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acessado em: 17/08/2017.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acessado em: 10/08/2017.

ESTATUTO DA IGUALDADE RACIAL. Disponível em: <http://www.meuvademeconline.com.br/legislacao/estatutos/1/estatuto-da-igualdade-racial-lei-n-12-288-de-20-de-julho-de-2010/>. Acessado em: 16/11/2017

HENRIQUES, Isabella. Controle social e regulação da publicidade infantil: O caso da comunicação mercadológica de alimentos voltados às crianças brasileiras. RECIIS – Revista Eletrônica de Comunicação e Informação sobre Inovações e Saúde. v.4, n.4, p. 72-84, 2010.

MASSAUD, Moisés. Dicionário de termos literário. São Paulo: Cultrix, 2004

OROZCO, Charles. Educación para los medios: una estrategia integral para maestros, padres y niños. (Educação para os meios: uma estratégia integral para professores, pais e crianças). México: UNESCO/ILCE, 1993.

OROFINO, Maria Isabel. Ciranda de Sentidos: Crianças, Consumo Cultural e Mediações. In: FANTIN, Monica; GIRARDELLO, Gilka (org.). Liga, Roda, Clica: Estudos em Mídia Cultura e Infância. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

PINNA, Daniel Moreira de Sousa. A linguagem visual das personagens do cinema de animação contemporâneo brasileiro. 2006. Dissertação (Mestrado em Artes) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Artes e Design, Rio de Janeiro. Disponível em: http://www2.dbd.puc-rio.br/arquivos/155000/159400/10_159421.htm?codBib=; Acessado em: 23/09/2017.

ROMÃO, José Eduardo; CANELA, Guilherme, ALARCON, Anderson; Manual da nova classificação indicativa. Brasília: Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Justiça. Departamento de Justiça, Classificação, Títulos e Qualificação, 2006.

TASCHNER, Gisela. Raízes da Cultura do Consumo. In: Cultura, Consumo e Cidadania. Bauru: Edusc, 2009. p. 51-76.